

Este artigo é da autoria da Dr^a Nélia Carvalho (Directora Clínica da CVQA – Clínica Veterinária da Quinta do Anjo¹) e foi publicado na Revista Todos os Gatos.

Cardiomiopatia hipertrófica Felina

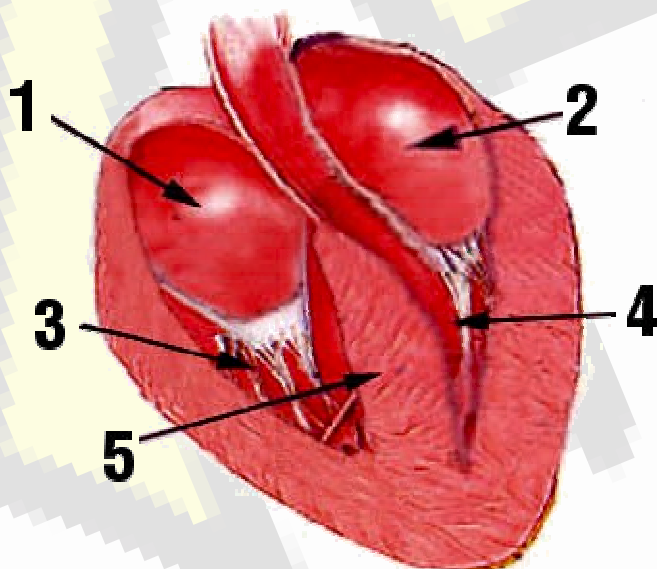
A Cardiomiopatia Hipertrófica (CHF) é a doença cardíaca mais comum nos gatos, de evolução variável, sendo os primeiros sinais muitas vezes subtis. Um animal que aparenta estar são pode adoecer subitamente ou mesmo morrer.

O coração felino é formado por 4 cavidades, duas à direita e duas à esquerda. A cardiomiopatia hipertrófica é uma doença do músculo cardíaco em que a parede e todas as estruturas dentro do ventrículo esquerdo (cavidade cardíaca) ficam anormalmente espessadas.

Quando se consegue excluir todas as outras doenças que podem originar espessamento cardíaco (hipertensão ou doença da tiróide, por exemplo) conclui-se que se trata de CHF. Apesar de poder surgir em gatos de qualquer idade, quando existe predisposição familiar, os sinais surgem antes dos 5 anos de idade. Em algumas raças com os Maine Coon e os American Shorthair já está provado tratar-se de uma doença autossómica dominante² (ex. como o Rim Poliquístico) embora se saiba que também ocorre noutras raças.

Gene autossómico: não está ligado ao sexo. Para cada característica existe um par de genes, um proveniente da mãe e outro do pai.

Gene dominante: aquele que se manifesta (surge a doença) mesmo quando, no par de genes, apenas 1 deles apresenta a característica; basta que um dos progenitores possua a doença para que esta se manifeste na ninhada.



O espessamento do músculo cardíaco e das estruturas dentro do ventrículo esquerdo dificulta a saída de sangue para a aorta, possibilitando o refluxo de algum sangue de volta para a aurícula esquerda. Estas alterações de fluxo de sangue produzem uma auscultação cardíaca característica (sopro) que se torna audível com a excitação e que se atenua em repouso.

À medida que a doença avança:

- o músculo ventricular perde a capacidade de relaxar;

¹ <http://veterinario.com.pt/>

² Ver Caixa

- aumenta a pressão;
- entra menos sangue no ventrículo;
- a aurícula vai dilatando;
- ocorre aumento de pressão sanguínea nos vasos do pulmão.

O líquido é empurrado para fora dos vasos e ocorre edema do pulmão (presença de líquido livre no tecido pulmonar) e efusão pleural (presença de líquido livre na cavidade torácica). Este quadro corresponde a falha cardíaca grave e torna-se muito difícil para o animal respirar, sendo frequente a morte súbita. Outra consequência do aumento da aurícula esquerda é a formação de coágulos de sangue dentro dessa cavidade. Quando esses coágulos se soltam do coração e são lançados na corrente sanguínea provocam obstrução (trombos) de grandes vasos. O local mais frequente é a artéria aorta responsável por irrigar os membros posteriores. A tromboembolia da aorta pode surgir subitamente como único sinal de problema cardíaco. A perna fica fria, com perda de sinais neurológicos e dor intensa.

Pode ocorrer morte súbita em gatos nunca diagnosticados com taquicardia, aumento da frequência respiratória ou trombos.

Após suspeita, o diagnóstico definitivo pode ser feito por ecocardiografia (com Doppler), sendo que o electrocardiograma e o RX apenas servem como meios de apoio. Quando ocorre morte em animais jovens aparentemente são, a necrópsia (autópsia veterinária) conclui muitas vezes tratar-se de cardiomiopatia hipertrófica.

Não existe cura mas a medicação destina-se a diminuir os sinais de doença cardíaca e a permitir ao coração manter a sua função o mais eficientemente possível e a prevenir a formação de coágulos.

A medicação é ajustada a cada gato tendo em conta os sinais clínicos apresentados e as alterações cardíacas presentes.

É difícil prever a evolução da doença mas sabemos que gatos com doença ligeira/moderada podem viver muitos anos uma vida normal. Gatos com sinais severos de doença cardíaca ou tromboembolismo, apesar de todo o esforço e assistência acabam por morrer.

Sinais clínicos

- Stress respiratório (arfar, aumento da frequência respiratória)
- Paralisia de um posterior;
- Morte súbita.

Conselhos aos criadores

Eliminar a CHF da criação é muito difícil uma vez que só nos podemos basear no ecocardiograma e na necrópsia. A pesquisa ecocardiografica de gatos afectados permite diminuir a incidência da doença nos gatis se no programa de despiste estiverem envolvidos criadores em número suficiente.

Os criadores devem procurar no pedigree linhas de antepassados com incidência de doença e todos os gatos que morrem subitamente deve realizar-se necrópsia. **Como a CHF surge em qualquer idade, proceder a um ecocardiograma por gato não exclui a doença.** Gatos de criação devem ser examinados cedo mas os gatos “reformados” devem ser testados periodicamente para permitir a identificação de gatos afectados que tenham filhos na idade de reproduzir. Só desta forma se poderá erradicar a doença do gatil.

Não estando estabelecidas directrizes para os criadores, sabemos que os Maine Coon machos desenvolvem a doença cedo (aos 2 anos), enquanto as fêmeas apresentam sinais mais tarde (aos 3 anos); os Ragdoll fazem quadros severos muito cedo (menos de 1 ano de idade). Pode-se desta forma estabelecer uma idade para uma primeira avaliação aos 2 anos e depois novamente aos 4-5 anos de idade.

Se não for possível fazer ecocardiografia a todos os gatos de criação e assumindo que algumas alterações cardíacas ligeiras não conseguem se detectadas, um exame veterinário completo, com auscultação cardíaca cuidadosa, deve ser realizado a todos os gatos para reprodução, tentando avaliar alterações no som cardíaco (murmúrio) ou arritmias. Todos os animais com anomalia devem fazer ecografia cardíaca e mesmo assim muitos gatos positivos não serão detectados por não apresentarem qualquer alteração no som cardíaco.

Todos os gatos positivos para CHF devem ser retirados da reprodução e os filhos vigiados atentamente porque cerca de 50% da descendência poderá possuir informação genética para a doença. Um gatinho afectado terá que ter um pai afectado, uma vez que é uma doença autossómica dominante. É possível que esse progenitor aparente estar são ou que tenha 1 ou 2 ecocardiogramas negativos feitos nos primeiros anos de vida (falsos negativos). É também possível que as alterações ecocardiograficas sejam muito ligeiras e indetectáveis mesmo mais tarde, mas passam o defeito genético à descendência.

O ideal seria retirar todos os descendentes da reprodução assim como os pais do gato afectado, notificar todos os criadores proprietários de gatos relacionados e os proprietários de gatinhos de companhia familiares do animal positivo. Só desta forma se poderá proceder aos exames ecocardiograficos de despiste de toda a família.

Um estudo actual nos Estados Unidos da América, decorre com investigações numa população de Maine Coon tentando estabelecer um teste genético, a aperfeiçoar mais tarde para cada raça. Como é uma doença autossómica dominante, assim que a mutação genética for identificada é possível testar todos os animais antes da idade reprodutiva e eliminar a doença de criação em poucas gerações.